

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA

MAYARA HELENA FONSECA DOS SANTOS

**A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO AMBIENTE DE *LEARNING COMMONS* NO
BRASIL:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.**

RIO DE JANEIRO
2018

MAYARA HELENA FONSECA DOS SANTOS

**A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO AMBIENTE DE *LEARNING COMMONS* NO
BRASIL:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior

RIO DE JANEIRO

2018

S237b SANTOS, Mayara Helena Fonseca dos

A biblioteca escolar como ambiente de *learning commons* no Brasil: uma revisão bibliográfica/ Mayara Helena Fonseca dos Santos, 2018.

54 f.

Orientador: Alberto Calil Elias Júnior.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia).- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

1.Bibliotecas escolares. 2 Learning Commons 3.Espaços de aprendizado em comum. 4.Nativos Digitais. I Elias Júnior, Alberto Calil, orient. II. Título

MAYARA HELENA FONSECA DOS SANTOS

**A biblioteca escolar como ambiente de *Learning Commons* no Brasil: uma
revisão bibliográfica.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Escola de Biblioteconomia
da Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Aprovada em: ____ de _____ de 2018.

Banca examinadora:

Profº Dr. Alberto Calil Elias Júnior
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

Profº Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

ProfªMsª Dayanne da Silva Prudêncio
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

A todos aqueles que ainda acreditam na educação como revolução

AGRADECIMENTOS

É do Vinicius de Moraes a frase que tanto me representa nessa trajetória: “Eu suportaria não sem dor, que morressem todos meus amores, mas enlouqueceria se morressem todos meus amigos”. Agradeço imensamente a todos os anjos que a vida me trouxe e que possibilitaram que eu chegasse até aqui de alguma maneira e que comigo continuarão por muitas existências.

Um agradecimento especial para Ernani Filgueiras de Carvalho, um amigo essencial para que eu desse o pontapé inicial com os estudos da tão sonhada Universidade Pública, a minha amiga irmã Graziela Caponi, que segue doando ao mundo sua generosidade ímpar e a quem tenho a honra de chamar de família. Às amigas Vanessa, obrigada pela ajuda com esse trabalho, Priscila, Inaiacy, Anne, Thais, Alineh, Paulinha, Vivien, Ana Luiza, Laura, Yana. Muito obrigada pelos conselhos valiosos. Às duas Marias Lúcias da minha vida, a que me olha do céu e a que me ajuda olhar pra dentro.

Agradeço à minha madrinha Sidinara a quem tanto amo, que tanto me apóia desde antes de eu vir a este mundo.

Agradeço à Unirio, por tudo que ela representa na minha vida, uma oportunidade de estudar em uma universidade pública, a me dar oportunidade de crescer, de mudar, de me desconstruir e me transformar. Quem entrou em 2012 definitivamente não é quem vai sair em 2018.

Agradeço a quem me protege e me guia, pois sei que não ando só.

Ao mestre com carinho, Calil muito obrigada pela paciência, pela firmeza, pela orientação, por doar um pouco do seu vasto conhecimento para que ele seja parte do meu conhecimento também.

Elisa Machado, eternamente grata por todas as oportunidades e acolhimento acadêmico e de vida também. Geni Fernandes, Gustavo Saldanha, obrigada por me ajudar a preparar essa terra fértil cheia de boas sementes que foram plantas por aqui.

Aos professores Dayanne Prudêncio e Marcos Miranda, agradeço a honra de poder ser avaliada por quem tanto admiro.

Passeio pelas estantes da biblioteca. Os livros me dão as costas. Não para me rejeitar, como as pessoas: são convidativos, querendo apresentar-se a mim. Metros e mais metros de livros que nunca poderei ler. E sei: o que aqui se oferece é a vida, são complementos à minha própria vida que esperam ser postos em uso. Mas os dias passam rápido e deixam para trás as possibilidades. Um único desses livros talvez bastasse para mudar completamente a minha vida. Quem sou eu agora? Quem eu seria então?

JosteinGaarder

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso visa realizar um levantamento sobre o estudo e aplicação do modelo conceitual Learning Commons no Brasil e como os estudos, artigos e vivências profissionais se apresentam nas principais bases. É apresentada as premissas da biblioteconomia escolar, é realizado estudo teórico sobre como surgem os primeiros estudos sobre *Learning Commons* nos Estados Unidos e aponta como a era tecnológica transforma profundamente a forma de ensino e aprendizagem e como isso impacta dentro da biblioteca escolar, levando em consideração os conceitos de letramento informacional e os nativos digitais. É realizado um levantamento quali-quantitativo nas bases apresentadas para determinar estudos não somente com a terminologia, mas que se assemelham, baseado nos levantamentos teóricos Utiliza análise de dados na exploração do material recuperado. Por fim, visa apontar caminhos possíveis para a biblioteca escolar no país, apontando soluções colaborativas, levando em consideração a era tecnológica e as mudanças que esta proporciona não somente na educação, mas os impactos que geram dentro da biblioteca como espaço físico, virtual de colaboração, aprendizado em comum e transformações.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Learning Commons. Espaços de aprendizado em comum. Aprendizado colaborativo.

ABSTRACT

This work of course conclusion aims to carry out a survey about the study and application of the conceptual model *Learning Commons* in Brazil and how the studies, articles and professional experiences are presented in the main bases. The premises of the school librarianship are presented, a theoretical study is carried out on how the first studies on learning commons in the United States arise and points out how the technological era profoundly changes the way of teaching and learning and how this impacts within the school library, taking into account the concepts of informational literacy and digital natives. A qualitative-quantitative survey is carried out on the bases presented to determine studies not only with terminology, but they are similar, based on theoretical surveys. It uses data analysis in the exploration of recovered material. Finally, it aims to point out possible ways for the school library in the country, pointing out collaborative solutions, taking into account the technological era and the changes it provides not only in education, but also the impacts generated within the library as a physical, virtual space of collaboration , common learning and transformations.

Keywords: School Library. Learning Commons.Common learning spaces.Collaborative learning.

TABELA DE QUADROS

Quadro 1 – Definição de nativos digitais.....	33
Quadro 2 – Conceitos de <i>Learning Commons</i>	36
Quadro 3 – Recuperação geral de termos nas bases pesquisadas.....	38
Quadro 4 – Recuperação geral daBRAPCI.....	39
Quadro 5 - Material recuperado na base da BRAPCI.....	41
Quadro 6 – Recuperação na base da LIBES.....	45
Quadro 7 – Recuperação no Fórum de Biblioteconomia Escolar 2013.....	46
Quadro 8 – Recuperação no Fórum de Biblioteconomia Escolar 2017.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BE – Biblioteca Escolar

BRAPCI - Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação

CBBD – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FEBAB – Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários

GEBE – Grupo de Estudo em Biblioteconomia Escolar

IFLA – *International Federation of Library Associations and Institutions*

LIBES – Literatura em Biblioteca Escolar

SNBP – Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNB – Universidade Nacional de Brasília

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Objetivos.....	14
1.1.1. Objetivos Gerais.....	14
1.1.2 Objetivos específicos	14
1.2 Justificativa.....	14
2 METODOLOGIA.....	16
2.1 Descrição dos procedimentos.....	16
2.1.1 BRAPCI.....	17
2.1.2 Fórum de Biblioteconomia Escolar - Pesquisa e Prática.....	18
2.1.3 LIBES.....	19
2.2 Análise de conteúdo.....	20
3 BIBLIOTECAS ESCOLARES.....	22
3.1 A era tecnológica e o letramento informacional.....	24
4 LEARNING COMMONS.....	29
4.1 <i>Learning Commons</i> e a Biblioteca escolar	31
5 RESULTADOS.....	36
5.1 Recuperação da Base da BRAPCI.....	39
5.2 Recuperação na base da LIBES.....	44
5.3 Recuperação no Fórum de Biblioteconomia escolar.....	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

O futuro e o presente das bibliotecas escolares tem sido tema de inúmeras discussões, reflexões e trabalhos ao longo das últimas décadas no Brasil. A Lei Federal 12.244, de 24 de maio de 2010, determina que até o ano de 2020 toda a biblioteca escolar, proveniente de escola particular ou pública deverá contar com uma biblioteca em sua dependência, gerenciada por um bibliotecário.

O universo da biblioteca escolar é, em muitos casos, o primeiro contato do estudante com uma biblioteca e ela deve funcionar em consoante à matriz pedagógica da escola e ir além, segundo o manifesto da IFLA/Unesco para Bibliotecas escolares:

A biblioteca escolar promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios (IFLA/UNESCO, 2002, online)

A era digital sugere que a biblioteca se transforme e esteja atenta a receber e gerar novas formas de aprendizado e interação, ainda segundo o manifesto, o trabalho conjunto de bibliotecários e professores influencia diretamente o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de letramento na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação.

A Biblioteca Escolar, pode acompanhar todas as transformações que são oferecidas pelas transformações tecnológicas e com isso oferecer subsídios e instrumentos que atendam a necessidade de desenvolvimento e aprendizado de alunos e professores.

Paralelamente, porém não distante desta discussão, durante a década de 1990, nos Estados Unidos o termo *Learning Commons*, surge inicialmente em bibliotecas universitárias, Iowa e Carolina do Sul, 1992 e 1994 respectivamente, o termo foi apropriado para ressignificar e ampliar as possibilidades das bibliotecas destas universidades. A ideia era criar dentro das bibliotecas ambientes que pudessem servir como plataforma para geração de conhecimento e conteúdo, de forma colaborativa, dinâmica, em um ambiente que pudesse se adaptar às necessidades de uso, também prevendo alterações e adaptações, nas mudanças do layout físico.

O objetivo deste trabalho é apontar em que estado se encontram as discussões que permeiam esse assunto no Brasil, porém com o viés da biblioteca escolar especificamente. Será realizada para isso, uma revisão de literatura de caráter exploratório para apontar o estado da arte dos estudos e vivências profissionais que relacionem as bibliotecas escolares como ambientes de *Learning Commons* no Brasil. Foram escolhidas três fontes de consulta onde aplicamos a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) em que serão medidos os resultados em pré-análise, exploração e tratamento e interpretação do material levantado.

Escolhemos as bases da BRAPCI (Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação), por se tratar de uma base que reúne os principais periódicos em ciência da informação e biblioteconomia, no Brasil, também pesquisaremos nas bases da LIBES (Literatura Brasileira em Biblioteconomia Escolar), mantida pelo GEBE (Grupo de Estudos em Bibliotecas Escolares), mantido pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG e também, relacionaremos os trabalhos científicos e relatos de vivência profissional submetidos ao Fórum de Biblioteconomia Escolar, evento paralelo realizado no âmbito do CBBBD (Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação). Utilizaremos palavras-chaves como critério de pesquisa a fim de identificarmos como está o estado da arte das discussões que permeiam o conceito de Learning Commons aplicado ao ambiente da biblioteca escolar.

Pretendemos ao final deste trabalho termos condições para apontar os trabalhos recuperados e de que forma esse modelo conceitual é discutido atualmente, levando em consideração as premissas de letramento informacional para uma geração de nativos digitais, ou seja, indivíduos que nasceram já sob a égide das transformações sociotécnicas de finais do século XX, mais especificamente ide a partir da década de 1980. O modelo *Learning Commons* pode ser apontado como um dos futuros possíveis para a biblioteconomia escolar que ainda segue sendo pouco explorado em nosso país, seja por falta de interesse ou conhecimento das instituições, por pouco investimento governamental, ou por pouco envolvimento dos profissionais envolvidos nesse universo.

1.1 Objetivos

.Os objetivos deste trabalho se dividem em gerais e específicos, abaixo relacionados:

1.1.1. Objetivos gerais

Mapear a produção acadêmica e profissional do campo de estudos infocomunicacionais no Brasil, para apontar o estado da arte dos estudos que abordam as bibliotecas escolares como ambientes de *Learning Commons*.

1.1.2. Objetivos específicos

Os objetivos específicos deste estudo se dividem em:

- a. Realizar um levantamento bibliográfico, através de pesquisa exploratória, nos portais da BRAPCI, nos anais Fórum de Biblioteconomia Escolar e da LIBES sobre o estado da arte de bibliotecas escolares e *Learning Commons* no Brasil;
- b. Relacionar os estudos científicos e os relatos de aplicação do conceito na prática.
- c. Apontar como e de que forma os estudos estão emergindo no Brasil.

1.2 Justificativa

Ao longo do curso de graduação em biblioteconomia muitas vezes ouvimos ou presenciamos provocações que buscavam trazer resposta para a pergunta que vem sendo feita e repetida ao longo da era digital, de qual seria o futuro da biblioteconomia, especialmente a escolar, quais seriam seus rumos e para onde ela poderia expandir, visto que as bibliotecas são potencialmente espaços que representam resistência quando se reinventam e se modernizam ao longo de sua trajetória. As bibliotecas vêm demonstrando sua capacidade de transformação e habilidade em acompanhar novas tecnologias a favor do serviço de informação.

Os ambientes vêm se tornando cada vez mais repletos de tecnologia, a forma como o conhecimento é gerado e disseminado, também segue nesse

sentido, se modernizando, e a pergunta sobre qual será o futuro das bibliotecas se faz não somente pertinente como necessária. Observamos nossa relevância colocada em cheque por aqueles que não estão familiarizados com as premissas que regem as bibliotecas como ambiente plural de aprendizado, orientação bibliográfica, letramento informacional, salvaguarda da memória e detentora de todo o conhecimento produzido pelo homem (MILANESI, 2013). Por isso, nos dias de hoje, se faz necessário que estejamos aptos não somente para incorporar as diversas demandas proporcionadas pelas transformações tecnológicas, mas estejamos conscientes das diferentes formas de apropriação dessas tecnologias para as bibliotecas que são ambientes ao mesmo tempo antigos quanto vanguardistas.

É necessário que apresentemos nosso espaço como um ambiente colaborativo, multidisciplinar, onde a parceria biblioteca-escola seja cada vez mais dinamizada e bem aproveitada.

Apresentar e demonstrar as bibliotecas escolares como espaços de *Learning Commons*, é ratificar a importância desse espaço e equipamento, é olhar para o futuro cada vez mais presente. Nossa proposta é a apresentação de um futuro possível dentro de um cenário de mudanças rápidas como o atual.

2 METODOLOGIA

Por ser uma pesquisa que busca compreender o estado da arte da literatura que relaciona as bibliotecas escolares como ambientes de *Learning Commons*, esta pesquisa tem caráter bibliográfico exploratório. A pesquisa bibliográfica, como sugere Gil, “é desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros, artigos científicos e impressos diversos” (GIL, 2008, p 44). E aqui serão relacionadas o que Gil prevê como fontes bibliográficas no que corresponde ao material recuperado nos portais da BRAPCI, do Fórum de Biblioteconomia Escolar e da LIBES.

Elegemos esses portais por serem voltados para a produção científica e vivência na área de bibliotecas escolares no Brasil, sendo que a BRAPCI reúne a maioria dos periódicos da área de Biblioteconomia e de Ciência da Informação publicados no Brasil, logo essa seria a abordagem científica. O Fórum de Biblioteconomia Escolar arrola reflexões, relatos e experiências oriundas das práticas cotidianas de bibliotecas e de bibliotecários e por fim, a base da LIBES, que funciona como um repositório, o que faz com que sejam recuperados tanto produção científica como também relatos de vivência e experiência profissional.

2.1 Descrição dos procedimentos

Conforme já explicitado, serão realizadas pesquisas bibliográficas em três bases de dados consideradas relevantes para o campo de estudos infocomunicacionais, no que se refere às bibliotecas escolares, a saber: BRAPCI, LIBES e Fórum de Bibliotecas Escolares. Optou-se por estabelecer a mesma estratégia de busca para a realização da pesquisa bibliográfica, padronizando os termos para a realização da busca, e assim traçar uma comparação entre eles, estabelecemos então, que em relação às especificações empregadas à pesquisa, realizaremos o levantamento de dados da seguinte maneira:

- a. Com os termos gerais: “Ambiente(es) de aprendizado”, “Learning Commons” e “aprendizado em comum”;

- b. Com os termos específicos: “ambiente(s) virtuais de aprendizagem em comum”, biblioteca escolar 2.0., e, “futuro das bibliotecas escolares”;
- c. Serão considerados os trabalhos que se refiram a situações vividas e estudadas no Brasil;
- d. Estudos que identifiquem o estado da arte no país;
- e. Com recorte temporal que compreenderá os anos de 1997 a 2018, no caso da BRAPCI, e todas as três edições do Fórum de Bibliotecas Escolares, no repositório da LIBES serão considerados todos os trabalhos recuperados.

Essas palavras-chave delimitarão o universo da pesquisa, e durante o trajeto da pesquisa, será observado o que aponta GIL (2008, p. 41) como pesquisa exploratória,

essas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é bastante flexível, de modo que possibilite consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Após realizar as pesquisas, iremos apontar quantos e quais trabalhos foram relacionados em, o que Minayo vai classificar como pesquisa qualitativa, “o processo de trabalho científico na pesquisa qualitativa está dividido em três etapas: fase exploratória; trabalho de campo; análise e tratamento do material empírico e documental” (MINAYO, 2012, p. 26).

A seguir apresenta-se uma breve descrição de cada uma das fontes utilizadas para a realização do levantamento bibliográfico.

2.1.1 BRAPCI

A Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) foi escolhida para análise no trabalho, pois compila periódicos nacionais da área de Ciência da Informação, é uma base de acesso aberto, uma vez que nosso objetivo é relacionar os estudos nacionais voltados para a temática de *Learning Commons*. A BRAPCI é um projeto base de dados,

que teve início no ano 2000, contava até 2003, com treze periódicos da área. Em 2004, a BRAPCI chegou a disponibilizar vinte e sete títulos, com 4.637 artigos publicados. Entre 2006 e 2008 foram aprovados pelo CNPq os projetos “Opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes no Ensino Superior” e “Metodologia para criação de uma base de dados online de acesso público: modelizando práticas para a socialização de saberes”, que serviram para dar suporte a BRAPCI. A base relaciona atualmente 57 revistas científicas e armazena 18.792 trabalhos (BRAPCI, online).

2.1.2 Fórum de Biblioteconomia Escolar

O Fórum de Biblioteconomia Escolar - Pesquisa e Prática, está em sua terceira edição e acontece desde 2013 (em anos ímpares). O Fórum surgiu em um momento onde as discussões sobre as bibliotecas escolares passaram a ser mais frequentes, pois naquela época a aprovação da Lei 12.244/10 - que prevê a universalização das bibliotecas escolares até 2020- era fato recente. O Fórum de Pesquisa em Biblioteconomia Escolar, é organizado pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE), da Escola de Ciência em Informação da UFMG em parceria com a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários FEBAB, organizadora do CBBBD, e tem o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade das bibliotecas escolares brasileiras, através de relatos de vivência e comunicação científica (FEBAB, online).

A recuperação dos anais do Fórum de Biblioteconomia Escolar apresentou alguns obstáculos, pois o site onde estão hospedadas as edições não contempla as três, sendo apenas as edições de 2013 e 2017, a edição de 2015 não foi indexada no site da FEBAB, foi anexada em um site criado especificamente para CBBBD de 2015. Entramos em contato com a FEBAB para confirmar este dado, a Instituição explicou que na edição de 2015, (a 2ª edição) optou-se por publicar um número especial da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBBD).

A mudança de formato de como o Fórum se realizou nas edições do CBBBD também foi observada, sendo que, no ano de 2013 e 2017 aparecem

relacionadas (nos sites do evento) como “Programação paralela”, já no ano de 2015 surge como Eixo VI dentro do próprio CBBB.

A interface do site de buscas do portal de Anais do CBBB oferece um campo para preenchimento do termo, que pode ser combinado através dos operadores booleanos AND, OR, NOT e *, através disso, o sistema recupera em todos os campos possíveis, títulos, palavras-chave, autor etc. Porém, em nenhum dos três casos é possível separar os trabalhos que foram apresentados no CBBB dos que foram apresentados no Fórum, de modo que a pesquisa será também será documental, nesse caso, GIL classificaria como “documentos de segunda mão, pois já foram analisados”, em análise de conteúdo, esta seria o que Bardin (2011) classifica como fase de exploração. Como no caso dos trabalhos apresentados no Fórum, porém ao fazermos novamente, trabalho a trabalho, o enfoque será identificar quais apresentam a prática do conceito *Learning Commons* que serão relacionados em um quadro explicativo.

2.1.3 LIBES

A LIBES - Literatura Brasileira em Biblioteca Escolar é um repositório criado e mantido pelo Grupo de Estudos em Bibliotecas Escolares (GEBE) da UFMG, e reúne referências do material sobre biblioteca escolar produzidos no Brasil, a partir da década de 1960, abrange livros, artigos de periódicos, dissertações, teses, trabalhos apresentados em eventos e documentos governamentais. É uma plataforma criada com o intuito de ser colaborativa, por isso espera-se que profissionais envolvidos com o tema também enviem referências de materiais produzidos sobre o tema e que ainda não foram indexados por essa base (GEBE, online).

A LIBES é uma interface de código livre, para administração de documentos científicos e citações. E até o presente momento conta com 671 registros. Sua interface é simples e o usuário poderá fazer buscas simples e avançadas, em todos os campos dos trabalhos. Esta fonte de pesquisa recupera tanto produção científica quanto relatos de vivência.

2.2 Análise de conteúdo

Para garantirmos uma análise mais abrangente dos materiais que serão recuperados e analisados, optamos por aplicar o conceito de análise de conteúdo, que Bardin (2009, p. 42) explica como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza **procedimentos**, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Para Valentim (2005, p. 124) a análise de conteúdo é um dos “diferentes métodos e técnicas aplicados à pesquisa científica na área de Ciência da Informação”.

Utilizaremos uma tabela onde estarão relacionados os conceitos que pretendemos utilizar na busca, desse modo, podemos recuperar também materiais que possam descrever os conceitos sem mencioná-los diretamente. Oliveira (2003) explica que, a análise de conteúdo, reúne as técnicas que investigam os documentos a fim de identificar os principais conceitos e temas abordados em um texto, tornando a coleta de dados mais abrangente. Ou seja, ainda que o trabalho recuperado não apresente a principal terminologia dessa pesquisa, que é *Learning Commons*, ainda poderá ser relacionado, pois a técnica será identificada.

Ainda segundo Bardin (2009), o processo de análise de conteúdo pode ser dividido em três etapas preliminares e distintas entre si:

- a.) A pré- análise, que é caracterizada como um momento de organização, no qual é definido o material que será estudado (corpus da pesquisa) e em que são formuladas as hipóteses e objetivos do estudo e além dos indicadores que irão fundamentar a interpretação dos dados obtidos, nesta fase serão elaboradas, a partir de leitura flutuante, que servirá de base que servirá de base para essa pesquisa
- b.) A exploração do material, onde o principal objetivo é agrupar os dados levantados e dispô-los de acordo com características observadas a partir de critérios sintáticos, léxicos ou semânticos, nesta fase são realizadas as categorizações. (MORAES, 1999)

c.) Tratamento e interpretação dos dados, onde será realizada a interpretação dos dados, para que, através de uma análise e sistematização das informações obtidas, os objetivos propostos pela pesquisa sejam atingidos e para que através dos resultados alcançados seja possível, de alguma forma, gerar conhecimento científico (VALENTIM, 2005).

Pretendemos ao fim do trabalho demonstrar o estado da arte das discussões que permeiam o universo das bibliotecas escolares como ambientes de *Learning Commons*.

3 BIBLIOTECAS ESCOLARES

A biblioteca escolar, segundo manifesto da IFLA/UNESCO, tem por objetivo proporcionar ideias e subsídios para “o funcionamento com sucesso em nossa sociedade contemporânea com base em informações e conhecimento” (IFLA/UNESCO, 1994, online). Além disso, o documento também assinala que está diretamente relacionado à matriz pedagógica das escolas. A BE,

serve de suporte aos programas educacionais, atuando como um centro dinâmico, participando em todos os níveis e momentos, do processo de desenvolvimento curricular e funcionando como laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional. (CORTE; BANDEIRA, 2011, p. 6).

Ainda nesse sentido, a biblioteca exerce papel fundamental na formação estudantil e contribui para:

- ampliar as oportunidades de educação e conhecimento dos alunos;
- colocar à disposição dos alunos acervos e informações que complementam o currículo escolar;
- promover e facilitar o intercâmbio de informações
- promover a formação integral do aluno;
- tornar-se um ambiente social, cooperativo e democrático;
- facilitar a ampla transmissão da arte, da ciência e da literatura; e
- promover a integração entre aluno, professor, ex-alunos e pais. (CORTE; BANDEIRA, 2011, p. 6).

A biblioteca escolar é espaço de construção e deve cooperar com a matriz curricular proposta pela escola, de tal forma que podemos afirmar que “jamais será uma instituição independente porque sua atuação reflete as diretrizes de outra instituição, que é a escola” (CORTE; BANDEIRA, 2011, p. 8).

No Brasil, a Lei 12.244/10 prevê universalização das bibliotecas escolares em todas as instituições de ensino, sejam privadas ou públicas, em seu artigo 2º, a Lei entende que “considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.” No entendimento do Manifesto IFLA/Unesco, que dispõe sobre as bibliotecas escolares, entende-se que esse ambiente

propicia informação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao

longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis. (IFLA/UNESCO, online, 2002)

As bibliotecas escolares são, em muitos casos, os primeiros contatos dos usuários/estudantes com esse universo de formação complementar, embora para Edson Nery da Fonseca o “ideal é que o aluno tenha utilizado a biblioteca infantil” (FONSECA, 1991, p. 52) antes de chegar a uma biblioteca escolar, mas também prevê que, em casos de deficiência desse equipamento, a biblioteca escolar poderá desempenhar também o papel de biblioteca infantil.

Ainda segundo a IFLA/UNESCO, está comprovado que o trabalho em conjunto entre professores e bibliotecários traz impactos significativos no modelo de aprendizagem dos estudantes. Nesse sentido, advoga-se a ideia de que a biblioteca escolar é um espaço que deve ser democrático, plural, acessível a toda a comunidade escolar, alunos, professores e funcionários, também deve ser gratuita, acessível e inclusiva, uma vez que o norte de suas coleções devam se permear na Declaração Universal dos Direitos Humanos, das Nações Unidas, sendo assim, espera-se um ambiente livre de censuras ideológicas, partidárias, religiosas ou comerciais. (IFLA/UNESCO, 2002).

Ademais, a biblioteca escolar tem papel fundamental no incentivo aos processos de construção do hábito de leitura, proporcionando ao aluno o exercício da leitura crítica e reflexiva, uma percepção diferente do texto, “não como algo estático, desprovido de sentido e de valor, mas como algo vivo, repleto de significados e informações interessantes” (SANTANA FILHO, 2010)

É importante destacar a existência de diferentes tipos de bibliotecas, que de acordo com suas missões, possuem diferentes características e se dedicam a diferentes públicos. Podendo ser classificadas em pelo menos 8 tipos, a saber:

- Bibliotecas públicas, que são consideradas equipamentos culturais, atendem a todos os públicos;
- Bibliotecas públicas temáticas, possuem acervo especializado, como uma biblioteca pública infantil, por exemplo;
- Bibliotecas comunitárias, iniciativa popular, do povo para o povo, geralmente realizada sem apoio das autoridades governamentais, embora tenham sua existência reconhecida;

- Pontos de Leitura, espaços que visam garantir acesso ao livro e à leitura, podem funcionar em qualquer espaço, em qualquer local. Podem funcionar como precursoras de uma biblioteca comunitária;
- Bibliotecas Escolares - Funcionam em consonância à matriz pedagógica. Atende, prioritariamente, alunos, professores, funcionários da unidade de ensino da escola;
- Bibliotecas Universitárias, funcionam como a continuidade da biblioteca escolar, além de atender a toda a comunidade acadêmica, também apoiam a pesquisa, o ensino e a extensão;
- Biblioteca especializada, é voltada a um campo específico do conhecimento;
- Biblioteca/Centro de referência, é uma biblioteca especializada que atua com foco no acesso, “produção e utilização da informação para um determinado público” (SNPB, online).

Há ainda, as Bibliotecas Nacionais, que Edson Nery da Fonseca aponta que, embora algumas particularidades possam diferenciá-la de outras nações, em linhas gerais, o objetivo de uma biblioteca nacional é “reunir, preservar e difundir a documentação bibliográfica e audiovisual produzida em território nacional” (FONSECA, 1991, p. 54).

Nesta perspectiva, as bibliotecas escolares surgem como um dos espaços em que torna-se necessário o diálogo constante com as novas práticas de informação que emergem na dinâmica social. Considerando as apropriações contemporâneas das tecnologias da informação e da comunicação para a busca, recuperação, consumo e produção da informação, em que cada vez mais o saber usar as fontes de informação, particularmente as dos meios eletrônicos, torna-se um diferencial para a inclusão / exclusão dos sujeitos, o estudo sobre os *Learning Commons* (ou práticas semelhantes) nesses ambientes colabora para a potencialização desses espaços.

3.1 A era tecnológica e o letramento informacional.

Em 1997, Gertrude Himmelfarb publicou um artigo na revista "The American Scholar" onde apontava a era tecnológica como uma verdadeira revolução, naquela época, comparada inclusive, à revolução que a prensa de Gutenberg causou na sociedade. A internet começara a se consolidar entre os usuários como fonte de pesquisa, tornando qualquer pequena biblioteca capaz de alcançar o mesmo potencial de uma biblioteca de grande porte, quando se trata de possibilidades virtuais.

Naquele momento, a autora já identificava mudanças significativas dentro dos modelos conceituais de bibliotecas escolares:

Se a biblioteca está agora no meio de uma revolução - se mesas e carrinhos na biblioteca estão sendo transformados em "estações de trabalho", e estudantes e acadêmicos se veem consultando a Internet com mais frequência do que livros - algo de muito importante está acontecendo, algo muito mais consequencial do que uma mera inovação tecnológica. (HIMMELFARB, 1997, online, tradução nossa)

Himmelfarb aponta ainda que, como toda revolução, aspectos positivos e negativos devem ser considerados. A possibilidade de acesso ao conhecimento deve ser exaltada, pois a era virtual permite de certa maneira que mais pessoas tenham acesso à informações. Se antes o acesso às fontes de informação se dava nos meios impressos, o ciberespaço poderia oferecer muito mais informações, de forma bastante democrática.

Não é por acaso, sugerem alguns historiadores, que a revolução da imprensa precedeu a Reforma Protestante; se não fosse por Gutenberg, dizem eles, a Reforma poderia ter se esgotado ou sido suprimida como tantas heresias medievais eram. Agora, com a revolução eletrônica, estamos levando esse processo de democratização a um gigantesco passo à frente. (HIMMELFARB, 1997, tradução nossa, online).

A revolução tecnológica dentro do ambiente da biblioteca proporciona não somente que o usuário tenha acesso a uma gama de informações, como também o transforma em agente ativo na construção do conteúdo e do conhecimento, abrindo espaço para um ambiente de colaboração, "A democratização do conhecimento é tudo para o bem, se isso significar a democratização do acesso ao conhecimento" (HIMMELFARB, 1997, online) A autora também chama a atenção para a qualidade das informações que podem

ser recuperadas.(...) “a democratização do acesso ao conhecimento não deve ser confundida com a democratização do próprio conhecimento. E é aí que a Internet, ou qualquer sistema de rede eletrônica, pode ser enganosa e até mesmo pernicioso” (HIMMELFARB, 1997, online)

Nesse momento a função educativa do bibliotecário fica evidente, como sugere Campello:

Tradicionalmente, o principal papel educativo do bibliotecário na escola referia-se à promoção da leitura. A ampliação desse papel ocorre com a demanda por um uso mais eficiente dos recursos informacionais na aprendizagem, especialmente quando esta se baseia em teorias construtivistas e quando a escola valoriza a pesquisa como princípio educativo (CAMPELLO, 2009, p. 11).

Toda essa questão em volta das tecnologias aplicadas no contexto da educação e de como novas habilidades são exigidas do bibliotecário escolar, faz com que o debate sobre a construção de habilidades informacionais nos sujeitos ganhe força conforme aponta Campello (2009). No entanto, diferente do modelo *Learning Commons*, que surge na década de 1990, as reflexões sobre o “*Information Literacy*” nos remete aos anos de 1970, nos Estados Unidos e, ao abordar questões relacionadas aos usos das fontes de informação, acabam por abordar também, a caracterização das “competências necessárias ao uso das fontes eletrônicas de informação” (CAMPELLO, 2009, p 12). Os bibliotecários começam a se organizar em volta desta temática, pois diversas fontes de informações no meio eletrônico começavam a surgir. “O letramento informacional constituiria uma capacidade essencial, necessária aos cidadãos para se adaptar à cultura digital, à globalização e à emergente sociedade baseada no conhecimento” (CAMPELLO, 2009, p. 12).

De acordo com Dudziak (2003), na década de 1980 as tecnologias de informação foram trazidas para o centro da questão, o que fez com o letramento informacional ganhasse um enfoque instrumental. Acontece que com as muitas inovações tecnológicas, a expansão do uso dessas tecnologias pela sociedade da informação traria à tona a necessidade de se aprender a lidar com tais ferramentas:

A concepção da *information literacy* [letramento informacional] com o sentido de capacitação em tecnologia da informação se popularizou, principalmente no ambiente profissional, e começava a ser implementada nas escolas secundárias. Admitia-se a necessidade dessa capacitação, porém não havia ainda programas educacionais

estruturados. Esta ênfase na tecnologia da informação restringia a noção do que seria information literacy, dando-lhe uma ênfase instrumental (DUDZIAK, 2003, p.25).

Ainda para Dudziak (2003) o conceito de letramento informacional pode receber definições como:

- “mobilização de conhecimentos, habilidades e atitudes direcionadas à informação e seu universo”;
- “Conjunto integrado de habilidades, conhecimento e atitudes”;
- “Conjunto integrado de habilidades, conhecimentos e valores ligados à busca, acesso, organização, uso e apresentação da informação na resolução de problemas, utilizando, para tanto, o pensamento crítico”;
- “Identificação, acesso, avaliação e uso da informação, diferenciando-se com relação às atividades pré e pós-pesquisa”, entre outras definições.

Para Campello, o letramento informacional então atende uma demanda identificada pelos bibliotecários para (...) “Ajudá-las [as pessoas] a desenvolver habilidades de usar informações, tornando-as capazes de aprender de forma autônoma ao longo da vida” (CAMPELLO, 2009. p7)

A ideia construtivista se apresenta de forma marcante dentro do letramento informacional, pois sendo o foco a aprendizagem das habilidades no período de escolarização, construtivismo fundamenta-se na noção de que o próprio aluno constrói seu conhecimento com base em experiências anteriores, e, em geral, utiliza várias das fontes de informação (...) considerando-se necessário viabilizar o acesso do aluno à ampla variedade de textos hoje disponíveis (...) é preciso que lhes sejam oferecidas oportunidades de aprender a lidar com esse universo informacional de maneira mais eficaz” (CAMPELLO, 2009 p. 14).

Há diferenças profundas quando comparamos o modelo de letramento informacional nos Estados Unidos e seus impactos nos estudantes e professores do modelo exercido no Brasil. Ross Todd e Carol Kuhlthau, professores e pesquisadores norte-americanos, realizaram uma pesquisa nos Estados Unidos em 2002/2003 e conseguiram identificar, através das respostas de alunos e professores como a biblioteca tinha papel fundamental nos processos de pesquisa escolar, sendo essa habilidade uma das principais apontadas entre os pesquisados. Já no Brasil, esses estudos demonstram um sistema frágil no que

tange à estratégia e alcance didática. As pesquisadoras Janaína Fialho e Maria Aparecida Moura, da UFMG, identificaram que a pesquisa escolar, enquanto prática - embora tenha sua importância reconhecida - não estava contida nos projetos pedagógicos das escolas pesquisadas. A biblioteca, não foi considerada entre os pesquisados como um instrumento facilitador e promotor da pesquisa escolar. É preciso que haja mais interação entre o bibliotecário e o professor a fim de ampliar a formação acadêmica do estudante. (CAMPELLO, 2011, p. 18).

Gasque e Tescarolo identificaram alguns desafios em que a interação entre bibliotecário e professores implicam:

- A dificuldade em mudar a cultura pedagógica;
- Formação inadequada dos professores;
- Concepção de ensino-aprendizagem e a organização do currículo não contemplam a pesquisa; e
- Ausência de infraestrutura adequada de informação.

Dessa forma, é preciso que a implementação de qualquer tipo de letramento seja uma ação colaborativa, de modo que a responsabilidade deve ser de todos os agentes envolvidos nos processos educacionais, esses projetos informacionais devem ser integrados à matriz pedagógica desde a educação básica, como conclui Campello (2011). A autora ainda aponta que, para o bibliotecário brasileiro será um desafio, caso queira contribuir com suas habilidades para a formação de pessoas, o modelo de letramento informacional deve ser pensado para cada contexto, para cada realidade, isso exige do profissional uma postura flexível e aberta a mudanças (GASQUE; TESCAROLO, 2007, Apud CAMPELLO, 2011, p.18).

Essas mudanças podem carregar consigo modelos inovacionais, que possam redimensionar os cenários físicos dos ambientes e as atuações técnicas dos agentes envolvidos, fazendo com que a tecnologia possa ser utilizada a favor da educação e desenvolvimento do estudante. Surge então o modelo conceitual de *Learning Commons*, que pode facilitar essa adesão das práticas de letramento informacional.

4 LEARNING COMMONS

As discussões sobre letramento, novos formatos de aprendizado e relacionamentos multidisciplinares fez surgir modelos de aprendizagem em comum, onde os espaços das bibliotecas passaram a ser repensados de maneira que pudessem atender às novas demandas por parte dos alunos, devido a toda essa discussão sobre a era tecnológica. A partir disso, o norte americano Donald Beagle identificou novas práticas do que inicialmente chamou de *Information Commons*. No início da década de 1990, com o *Information Arcade* na *University of Iowa* (1992) e o *Information Commons* na *University of Southern California* (1994). (BEAGLE, 1997, p. 82).

Em 1999, Beagle publica no *The Journal of an Academic Librarianship* um artigo onde busca conceituar o *Information Commons*, ele classifica em dois níveis diferentes, sendo que o primeiro nível é o ambiente on-line, equipado com uma série de recursos e possibilidade de serviços oferecidos, como a referência, por exemplo. O segundo nível diz respeito ao espaço físico, o espaço deve oferecer possibilidades de mudanças e adaptações, ou seja, ser flexível, além dos recursos tecnológicos e possibilidade de integração de serviços como o TI (tecnologia da informação).

O termo *Learning Commons*, vai ganhar força a partir de 2004, quando a *University of Southern California* sedia a Conferência Nacional: "*Information Commons: Learning Space Beyond the Classroom.*" (Informações em comum: Espaços de aprendizado além da sala de aula - tradução nossa). Nesta conferência, Beagle apresenta um trabalho onde, a partir de mudanças sinalizadas pelo Conselho Americano de Educação, eles optam por alterar a tipologia de *Information Commons* para *Learning Commons*, tal mudança se deve em parte a estratégias baseadas nas seguintes premissas: a) Ajustes; b) Mudanças Isoladas; c) Mudanças a longo prazo; e d) Transformações. (Beagle, 2004).

Em 2008, Scott Bennet, traz novos ares para a discussão, aponta para o fato de que *Information Commons* e *Learning Commons*, são termos em comum para "as palavras: acadêmica, colaboração, ensino, tecnologia e mídia, e

aparecem frequentemente em nomes, junto com ou no lugar de *informação e aprendizado*” (BENNET, 2008, tradução nossa, p. 184).

Pensar nesse universo conceitual *Learning Commons*, também envolve pensar nas questões físicas do espaço e como ele pode ser projetado para atender às novas demandas, ou seja, se antes ao projetar uma biblioteca, as perguntas eram relacionadas aos espaços e às coisas (livros, mesas, computadores), quando pensamos em um projeto arquitetônico a partir do conceito *Learning Commons*, a mudança aparece nas novas respostas, sendo que hoje a pergunta que se tem em mente ao projetar um espaço, também segue focada no aluno e no que acontece dentro da sala de aula.

Em 2011, Sullivan, uma experiente designer de bibliotecas escolares americanas seguiu sua base de raciocínio no mesmo caminho proposto por Bennet em 2008, ressaltando que questões que eram importantes nos anos anteriores não faziam mais sentido naquele momento. A pergunta mais urgente, para a autora, é: “quais ferramentas e recursos os estudantes precisarão? (...) Sendo assim, a biblioteca escolar precisa buscar formas de se adequar a esta realidade” (SULLIVAN apud GASQUE; CASARIN p. 36). Então, dessa forma o projeto arquitetônico ou a disposição do espaço físico da biblioteca deve valorizar o aprendizado do aluno, deve ser flexível, adaptável, com acessos à rede, personalizável de acordo com a necessidade do momento.

Há, contudo, alguns obstáculos a serem vencidos como expõe Bennet (2008, p. 183): “É claro que é relativamente fácil criar os ‘pontos de acesso à rede e ferramentas de TI associadas’ características dos *Learning Commons*, mas os ‘recursos humanos’ necessários são um pouco mais difíceis de organizar”. Bennet aponta para a necessidade de preparo dos profissionais que irão compor esse espaço e em como estes irão interagir com as tecnologias.

A necessidade de uma qualificação profissional mais focada nessas novas demandas se faz presente. O modelo, que sugere cooperação entre áreas diferentes, sendo bibliotecários e profissionais do TI, aponta para a importância de que haja, o que o Bennet classifica como “treinamento cruzado”, que seria o momento em que a troca de saberes entre as diferentes áreas que compõem o *Learning Commons* é praticado.

Há também de se levar em consideração os interesses da Instituição, uma vez que esse modelo pode sugerir grandes investimentos na sua concepção, manutenção e treinamento dos recursos humanos, Bennet aponta que esse comprometimento da Instituição deve visar o desenvolvimento do aluno, que é o objetivo da escola e da biblioteca escolar.

4.1 *Learning Commons* e a Biblioteca Escolar

Gertrude Himmelfarb, em 1997, já sinalizava que os equipamentos digitais contidos nas bibliotecas escolares não deveriam ser apenas para acesso ao catálogo da biblioteca, deveriam também fornecer o acesso a catálogos de outros acervos, além de bases de dados, jornais e revistas, coleções, etc.

O modelo conceitual *Learning Commons*, pensado sob a ótica da Biblioteca escolar, com essa terminologia específica, surge partir de 2008, quando Loertscher, Koechlin e Zwaan sugerem o *Learning Commons* como substituição para o laboratório de tecnologia educativa e a biblioteca escolar. (LOERTSCHER; KOECHLIN, 2012 apud GASQUE; CASARIN, 2015) que seria repensar esse espaço físico.

GASQUE; CASARIN (2015, p.39) apontam que a palavra-chave para definir o espaço da biblioteca escolar hoje é a flexibilidade, ainda segundo as autoras, “O relatório da NMC Horizon (JOHNSON et al., 2015) também traz recomendações sobre o espaço das bibliotecas escolares, destacando: aplicações da tecnologia educacional e os espaços de criação (*makerspaces*).”

Empresas como Microsoft e a Google possuem modelos

para mostrar a diferença entre a biblioteca escolar tradicional e o espaço comum de aprendizagem. A primeira empresa, por meio dos produtos de projetos anteriores, percebe os desejos de consumo do público, e a última projeta um grupo de ferramentas que os usuários podem adaptar às próprias necessidades. (GASQUE; CASARIN, 2015, p. 45).

Um levantamento realizado pelo IBGE em 2016 demonstrou que 92% dos domicílios no Brasil acessaram a internet através de um dispositivo móvel, e que na população de 10 a 49 anos, o aumento do acesso foi de 50% quando comparado com 2015. (EBC, 2016, online)

De modo que, se estamos falando de um aluno que possui dentro do bolso um dispositivo para navegar na internet, a biblioteca escolar precisa estar atenta e tirar o melhor proveito dessa situação. Holland aponta que:

Quando cada aluno tem o potencial de carregar uma biblioteca global no dispositivo, o papel das bibliotecas físicas pode se tornar ainda mais importante, não apenas um lugar para abrigar recursos, mas um lugar para criar um significado a partir deles. As bibliotecas do século XXI oferecem um espaço comum acolhedor que incentiva a exploração, a criação e a colaboração entre alunos, professores e uma comunidade mais ampla. Eles reúnem o melhor do físico e do digital para criar centros de aprendizagem. Em última análise, as bibliotecas continuarão a inspirar os alunos a construir novos conhecimentos e significados do mundo ao seu redor. (HOLLAND, 2015, online, tradução nossa).

Os processos educacionais estão mudando e se adaptando a realidade tecnológica atual, a transformação na sociedade, as mudanças econômicas e as novas tendências comportamentais, por consequência, exigem que a escola esteja atenta a tudo isso, a biblioteca escolar, por sua vez, deve seguir nesse sentido, o das mudanças:

O grande desenvolvimento das tecnologias catalisa as escolas para um modelo de aprendizagem mais conectado e colaborativo. O relatório NMC Horizon para educação básica (JOHNSON et al., 2015) apresenta resultados de uma pesquisa colaborativa, baseada em discussões entre 56 especialistas educacionais de 22 países e seis continentes sobre as tecnologias emergentes e o potencial de impacto no processo de ensino-aprendizagem nas escolas. As principais tendências, que influenciam a adoção das tecnologias na educação, foram classificadas em três categorias: tendências de impacto a longo prazo que continuarão importantes para prazos maiores que cinco anos; tendências de impacto a médio prazo que continuarão importantes na tomada de decisões para os próximos três ou cinco anos; e tendências de impacto a curto prazo que impulsionam a adoção de tecnologia educacional agora, mas que, provavelmente, serão importantes por apenas mais um ou dois anos, tornando-se comuns ou desaparecendo nesse tempo. (GASQUE; CASARIN, 2016, p. 39)

Dentre tantos desafios, um dos principais que o bibliotecário escolar deve considerar é com a geração dos nativos digitais, que são os indivíduos nascidos a partir da década de 1980 e que puderam acompanhar a transformação da tecnologia, em maior ou menor nível de inclusão, a era digital dentro da escola é uma realidade. Gasser e Palfrey (2011, p. 12) definem esses nativos como pessoas que:

estudam, trabalham, escrevem e interagem um com o outro de maneiras diferentes das suas quando você era da idade deles. Eles leem blogs em vez de jornais. Com frequência se conhecem online antes de se conhecerem pessoalmente. Provavelmente nem sabem como é um cartão de biblioteca, que dirá terem um; e, se tiverem, provavelmente nunca o usaram. Eles obtêm suas músicas online – com frequência de graça, ilegalmente – em vez de compra-las em lojas de discos. Mais provavelmente enviam uma Mensagem Instantânea em vez de pegarem o telefone para marcar um encontro mais tarde, à noite.

A terminologia sofre pequenas alterações a depender do entendimento de cada autor, porém todos os autores relacionados parecem concordar com o conceito do indivíduo que possui uma relação em algum nível com as tecnologias, conforme sugere apontamento realizado por Castro:

Quadro 1 –Definição de nativos digitais

Autor/a	Termo adotado	Definição
Zimmerman (2012)	Nativos Digitais	geração de indivíduos que tem acesso a computadores e tecnologia digital desde seu nascimento
Prensky (2001)	Nativos Digitais	'falantes nativos' da língua digital dos computadores, vídeo games e da Internet
Palfrey e Gasser (2008)	Nativos Digitais	Aqueles que têm acesso às tecnologias digitais e possuem habilidades para lidar com tais tecnologias. Indivíduos que passam boa parte de suas vidas conectados e não distinguem sua vida online de sua vivência off-line
Veen e Vrakking (2006)	Homo Zappiens	Geração que cresceu usando vários dispositivos tecnológicos desde a infância.
Rowlands et al (2008)	Geração Google	Fazem parte de um grupo que não tem memória da vida antes da internet.
Tapscott (1999)	Geração Net	A primeira [geração] a crescer rodeada pelas mídias digitais

Fonte: Castro, 2014, p.41

Castro ressalva ainda que “o avanço tecnológico se dá em diferentes momentos em locais distintos. Portanto, de acordo com as condições sociais estas datas podem variar de local a local”. (CASTRO, 2014 p.42). Ou seja, ainda que os nativos digitais sejam considerados indivíduos com acesso e domínio a diversas plataformas digitais, os contextos socioeconômicos devem ser relevados. A autora aponta que as diferenças sociais existentes em nosso país podem afetar o acesso das camadas da população mais humildes aos recursos tecnológicos.

Por outro lado, o acesso não significa inclusão propriamente dita, é necessário que se desenvolvam ações educativas de letramento e mediações com esse público:

Mesmo os nativos digitais, com todos os recursos e dispositivos, sem a orientação necessária ao letramento informacional, não têm garantido o desenvolvimento de suas habilidades informacionais para lidar com a gama de informações que se lhes apresenta. ‘Há os que pensam que uma conexão com a Internet na sala de aula é tudo o que é necessário para transformar uma escola do século 20 em um espaço de aprendizagem do século 21. Como se fosse assim tão simples. Há os que crêem que a Internet torne as bibliotecas escolares obsoletas. Pesquisas mostram que este não é o caso, definitivamente. É necessária uma nova forma de aprendizagem que prepare os alunos para viver e trabalhar em um ambiente de informacional complexo. Nossa pesquisa mostra que as bibliotecas escolares são um componente essencial das escolas da era da informação. Os bibliotecários escolares são parceiros vitais para a criação de escolas que permitam que os alunos aprendam através vastos recursos e múltiplos canais de comunicação. (KUHLTHAU, 2010, p.17 apud CASTRO, 2014, p. 48)

Ou seja, a biblioteca escolar por seu caráter educativo e suas habilidades informacionais, possuiria, então plenas condições para atuar no preparo desses indivíduos, através dos seus espaços e da atuação técnica e colaborativa através dos programas de letramento informacional:

As bibliotecas, e por que não dizer os bibliotecários, têm função central na sociedade da informação. As bibliotecas enquanto centros informacionais que proporcionam não apenas o material necessário e adequado, mas também o ambiente ideal às práticas pedagógicas e de aprendizado ao longo da vida. E os bibliotecários por terem o conhecimento não apenas da biblioteca e seus recursos, mas também da comunidade, dos usuários a quem atendem, de suas necessidades informacionais. (CASTRO, 2014, p. 49)

A biblioteca escolar pode e é aconselhável que siga nesse caminho, se modernizando e desempenhando habilidades de desenvolvimento, pesquisa, ações colaborativas em conjunto com os atores envolvidos, e sem perder sua essência, o espaço pode abrigar todas as fontes e recursos que forem possíveis

Os livros impressos ainda desempenham um papel fundamental no apoio aos alunos, mas as tecnologias digitais oferecem caminhos adicionais para a aprendizagem e aquisição de conteúdo. Alunos e professores não precisam mais de uma biblioteca simplesmente para acesso. Em vez disso, eles exigem um lugar que estimule o aprendizado participativo e permita a co-construção do entendimento a partir de uma variedade de fontes. Em outras palavras, em vez de ser um arquivo, as bibliotecas estão se tornando *Learning Commons* [lugares de aprendizado em comum]. (HOLLAND, 2018 tradução nossa, online)

É preciso então, que possamos unir as características da biblioteca escolar com as novas demandas, os novos espaços, as práticas colaborativas de aprendizado, onde bibliotecários, professores, alunos e demais agentes envolvidos possam caminhar em conjunto rumo a um futuro possível para o ambiente escolar.

5 RESULTADOS

A seguir, apresentamos de forma geral e sintetizada os resultados obtidos a partir da coleta de dados a partir das fontes bibliográficas, considerando esse resultado como um dado importante para essa investigação, aliado a percepção da autora, a partir da vivência em estágio realizado em Biblioteca Escolar, que demonstrou que muitas das práticas realizadas pelas bibliotecas escolares em seu cotidiano se assemelham ao que a literatura denomina como práticas de *Learning Commons*. Buscou-se na literatura do campo a identificação da noção, a fim de se construir as palavras chaves para a realização da busca bibliográfica nas bases elencadas para a investigação.

Conforme visto na seção 4 deste trabalho, a noção de *Learning Commons* pode ser caracterizada pelas dimensões físicas e do espaço, pelos recursos tecnológicos, pelas ações colaborativas de aprendizado baseado em troca, um espaço flexível a mudanças, optamos por organizar em um quadro.

Nos basearemos nos 5 conceitos que seguem no quadro abaixo para identificar modelos de *Learning Commons*, quer sejam identificados pelas terminologias, quer seja identificados pelas práticas;

Quadro 2- Conceitos de *Learning Commons*

Autor	Conceito
BEAGLE (1999)	Bibliotecas que unem ambientes, foco online e ambiente físico flexibilizado, aprendizado em comum, ambientes virtuais de aprendizagem em comum .
(LOERTSCHER; KOEHLIN, 2012 Apud GASQUE; CASARIN, 2015).	Substituição para o laboratório de tecnologia educativa e a biblioteca escolar, biblioteca escolar 2.0 .
HOLLAND	Ambientes de aprendizado em comum , espaço acolhedor que incentiva a exploração, a criação a colaboração entre alunos, professores e uma comunidade mais ampla. Reúnem o melhor do físico e do digital para criar centros de aprendizagem.

BENNET	Learning commons como substituição para “as palavras acadêmica, colaboração, ensino, tecnologia e mídia aparecem frequentemente em nomes, junto com ou no lugar de informação e aprendizado”
HIMMELFARB (1997)	Bibliotecas com foco na era tecnológica, biblioteca escolar 2.0, futuro das bibliotecas escolares.

Fonte: a autora, 2018

Além dos critérios para a organização dos dados, optamos por estabelecer e descrever as categorias que pudessem identificar o modelo conceitual a partir de outros termos identificados nos levantamentos bibliográficos extraídos do quadro 2, que trata das definições de *learning commons*.

De posse das categorias procedeu-se a eleição de palavras-chaves para a realização da pesquisa bibliográfica. Os termos de pesquisa utilizados foram:

- Ambiente (s) de aprendizagem em comum;
- Ambiente (s) virtual (is) de aprendizagem em comum;
- Biblioteca escolar 2.0;
- futuro das bibliotecas escolares; e
- *Learning Commons*.

Ressaltamos, no entanto, que estas categorias não foram estabelecidas previamente, foram extraídas a partir do contato com os textos.

As categorias - se apresentaram como correspondentes ao objetivo da presente pesquisa, que em linhas gerais, trata de identificar o estado da arte da produção científica e vivência profissional sobre as bibliotecas escolares como ambientes de *learning commons*.

O quadro abaixo mostra a recuperação geral de trabalhos desta pesquisa, levando em consideração as categorias ora transformadas em palavras chaves, foram recuperados trabalhos nos seguintes resultados:

Quadro 3 - Recuperação geral de termos nas bases pesquisadas

Base	Quantidade de trabalhos (geral)	Trabalhos relevantes	Natureza das recuperações
BRAPCI	94 itens	5	Artigo em periódicos
LIBES	0 itens	0	0
Fórum de Biblioteconomia	17 itens	1	Apresentação de trabalhos

Fonte: a autora, 2018.

Como pode ser observado no quadro acima, a produção considerada relevante, recuperada equivale a 5,31% na Base de BRAPCI, na base da LIBES nenhum resultado foi contabilizado, e a busca no Fórum de Biblioteconomia recuperou 5,88% dos trabalhos.

Desse montante, a maior parte trata-se de trabalho oriundo de artigos em periódicos.

Uma vez identificados os documentos que abordam os assuntos de interesse para essa pesquisa, optamos por agrupá-los por bases separadamente, a fim de deixar evidente as recuperações e podermos ter uma visão geral de quais bases estão apresentando resultados mais significativos

A busca pelo termo que é o objeto de estudo, ou seja, *Learning Commons*, retornou uma quantidade não significativa de documentos relevantes recuperados, conforme pode ser visto nos resultados.

Foram selecionados e lidos integralmente os documentos, de modo que destacamos nos quadros os materiais de acordo com objeto de estudo desta pesquisa, em seguida, optou-se por agrupar em outro quadro o conteúdo dos materiais.

Podemos então, a partir do quadro, definir alguns parâmetros para identificar modelos de *learning commons* que foram aplicados aos trabalhos recuperados nas bases já mencionadas - BRAPCI, Fórum de Biblioteconomia Escolar e LIBES - uma vez que preliminarmente ao consultar os textos que se destacaram nas buscas, foram identificadas práticas de vivências, porém sem menção a terminologia que envolve esse modelo conceitual, ou até mesmo atribuindo terminologia equivalente A observação do material selecionado foi

realizado levando em consideração os conceitos de análise de dados já discutidos no capítulo referente aos procedimentos metodológicos.

A partir da análise de dados proposto por Bardin (2011), ao colhermos os dados nas bases, a partir das palavras-chave, estamos realizando o estágio que a autora chama de pré-análise. Os indicadores que irão fundamentar a interpretação dos dados da pesquisa se apresentam, fazendo com que possamos agrupar os dados, no que ela chama de exploração do material, a partir dos critérios que já estabelecemos na pré-análise.

Após a etapa de definição das palavras-chave, teve início as etapas de recuperação e análise de conteúdo propriamente dita. Conforme já mencionado, nestas etapas, os textos passaram a receber uma atenção criteriosa, a fim de que fosse observado a adequação dos mesmos à base teórica, separada por conceitos, agrupadas no quadro 2 desta sessão, que trata das definições de *Learning Commons* e apresenta as palavras-chave geradas a partir destes textos, que serviram de base para a pesquisa.

Por fim, divide-se o resultado da pesquisa em quadros separados por base pesquisada, nas subseções que seguem abaixo, e em seguida, sobre, um novo quadro sobre o material recuperado. E a partir disso, seguimos para o terceiro estágio da análise de dados, que refere-se ao tratamento e interpretação dos dados. Essas etapas são apresentadas respectivamente, nas subseções a seguir.

5.1 Recuperação da Base da BRAPCI

A Base da BRAPCI, comparada com as demais fontes que compõem o corpus desta pesquisa, foi a que mais recuperou trabalhos, todos provenientes de artigos em periódicos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 4 - Recuperação geral da BRAPCI

Termo de pesquisa	Campo de pesquisa	Quantidade de recuperações	Recuperações relevantes	tipo de publicação
Ambiente/es de Aprendizado	Todos	14	1	Artigo em periódico

Ambiente/es de aprendizagem	Todos	72	1	Artigo em periódico
Learning Commons	Todos	0	0	0
Biblioteca escolar 2.0	Todos	5	3	Artigo em periódico
Futuro das Bibliotecas Escolares	Todos	3	0	0

Fonte: a autora, 2018

Conforme é possível observar na tabela, a busca pelo termo **ambiente(s) de aprendizagem** em comum foi a que obteve maior quantidade de material recuperado, foram 72 trabalhos. Porém, ao aplicarmos os conceitos propostos para identificação do modelo conceitual objeto desta pesquisa, apenas 1 trabalho se mostrou de fato aplicável ao conceito, - que corresponde a 1,38% dos trabalhos.

O termo **ambiente(s) de aprendizado em comum**, obteve 14 materiais recuperados e 1 trabalho relacionado no universo da pesquisa - o que corresponde a 7,1%. O termo **biblioteca escola 2.0**, proporcionalmente, corresponde a maior porcentagem de recuperações, 60% dos trabalhos recuperados foram relevantes para esta pesquisa, em números gerais, correspondem a 5 trabalhos recuperados e 3 trabalhos relacionados.

O termo **futuro das bibliotecas escolares**, recuperou 3 trabalhos, dos quais nenhum demonstrou algum tipo de relacionamento que encaixasse nos conceitos já mencionados quando falamos de Learning Commons. e por fim, não foram recuperados trabalhos com o termo **Learning Commons**

Os trabalhos considerados relevantes, foram relacionados levando em consideração a adequação proposta no levantamento teórico, foram considerados os trabalhos que mais se relacionaram com os conceitos extraídos dos textos de modo que agrupamos os resultados recuperados, que serão apresentados a seguir:

Quadro 5 - Material recuperado na Base da BRAPCI

Termo de pesquisa	Título	autor	ano	Análise do texto
Ambientes de Aprendizado	Formação do bibliotecário escolar: estudo de caso sobre o curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSCar	ANDRADE, Tiago Fernandes	2013	Aponta práticas que devem ser adotadas dentro da biblioteca enquanto espaço físico e técnico, aponta necessidade de mudança e adequação às tecnologias, aponta também adequação do bibliotecário frente às mudanças, cooperação com outras áreas da escola. Mas não aponta conceitos específicos.
Ambientes de aprendizagem	Bibliotecas escolares: tendências globais	GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias.; SILVA, Helen de Castro.	2016	Faz revisão de literatura no portal CAPES, aborda o período entre 2010 e 2015, traz conceito de Learning Commons, aponta tendências globais para as bibliotecas escolares, pautada pelo letramento, aprendizado em comum, novas tecnologias, adequação profissional, etc.
Learning Commons	0	0	0	0
Biblioteca escolar 2.0	O papel das bibliotecas no contexto das Tecnologias Digitais e novas formas de aprendizagem	BRITO, Regina Garcia de.; VALLS, Valéria Martin	2017	"apresenta uma revisão de literatura sobre novas formas digitais de aprendizagem e a importância do bibliotecário como mediador para o desenvolvimento da competência info-midiática em espaços educativos como bibliotecas escolares, públicas ou universitárias. Para tanto, inicialmente o trabalho traça um panorama sobre novas formas de aprendizagem, visto que as metodologias tradicionais de ensino não são compatíveis ao momento atual e descreve como a biblioteca e o bibliotecário podem atuar no desenvolvimento das competências informacional e midiática necessárias a todos na Sociedade da Informação e do Conhecimento"

Biblioteca escolar 2.0	A mediação da informação aliada ao uso das tecnologias da informação e comunicação em uma biblioteca escolar	VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório.; LANZI, Lucirene Andrea Catini.; FERNEDA, Edberto.	2014	Propõe flexibilização do modelo de aprendizagem, coloca o bibliotecário no foco para a mediação de informação a partir da tecnologia como aliada e "Eventos, atividades e estruturação física do ambiente proporcionam um claro exemplo de mediação da informação em uma biblioteca escolar, evidenciando a interferência positiva que o profissional da informação pode ter sobre os usuários e o seu comportamento informacional." Propõe também parcerias multidisciplinares.
Biblioteca escolar 2.0	Bibliotecas escolares e web 2.0	FURTADO, Cassia Cordeiro.	2009	O artigo enfoca o papel da educação e da biblioteca na Sociedade da Informação e apresenta conceitos e características da Biblioteca 2.0 (L2). Defende o uso da web 2.0, na biblioteca escolar, visando otimizar ou criar serviços e produtos, para fins de conquista dos usuários, visibilidade e espaço na escola e na sociedade. Identifica nos programas públicos de incentivo e implantação de bibliotecas nas escolas, no Brasil e em Portugal, a presença ou recomendações para o uso da web 2.0. Com base na literatura conclui que, em Portugal, já ocorre a iniciativa do uso dos blogs por parte da biblioteca escolar, porém com escassez de comentários por parte do usuário. E que as bibliotecas brasileiras têm um longo caminho a percorrer no que tange as bibliotecas escolares, como também no contexto dos sistemas de informação.
Futuro das Bibliotecas Escolares	0	0	0	0

Fonte: a autora, 2018

Ao observar o material recuperado, pudemos observar que o único artigo que expõe explicitamente o termo *learning commons*, só foi recuperado a partir da pesquisa da palavra-chave “ambientes de aprendizado” que é o artigo de Kelley Gasque e Helen Silva, vinculadas à UNB, o trabalho aponta para o futuro das bibliotecas escolares e é específico quanto ao modelo de Learning Commons, o trecho do artigo que explicita de que forma ele se relaciona com a base teórica:

(...)Essas novas concepções sobre aprendizagem contribuíram para que se pensasse em bibliotecas como espaços de aprendizagem comum ("Learning Commons"), ou que, pelo menos, incluam espaços para esta finalidade. (...) O modelo de Learning Commons refere-se a um espaço físico e virtual em que a aprendizagem é partilhada. (GASQUE; SILVA, 2016, p. 44)

Na busca pela terminologia **ambiente de aprendizado**, o trabalho que se destacou foi o de Thiago Andrade, vinculado à UFSCar, neste trabalho ele salienta as práticas biblioteconômicas e como podem contribuir para novos ambientes de aprendizado.

A biblioteca escolar e o fazer do bibliotecário devem produzir um lugar de memória, processos de ação leitora, e a construção de novos programas e paradigmas com novas propostas de leitura, praticar a interdisciplinaridade e a inserção de múltiplos textos ao processo educacional e de leitura e escrita para resgatar a biblioteca escolar e transformá-la num ambiente em que se faz a diferença diante do processo educacional. (ANDRADE, 2016, p. 17)

A recuperação pelo termo bibliotecas escolares 2.0 destacou 3 trabalhos que se assemelham ao modelo, proposto no quadro 2, que trata das definições de *learning commons*, sendo o primeiro, o texto de Regina Britto e Valeria Valls, vinculadas à USP, destacamos abaixo trecho do artigo que corresponde a nossa pesquisa:

Dispositivos móveis, redes sociais, blogs e novos recursos midiáticos convivem com modelos tradicionais de comunicação e informação (...) O uso de tais dispositivos tem impacto direto na relação de ensino-aprendizagem que se estabelece tanto nas escolas como fora delas. As novas formas digitais de aprendizagem precisam, portanto, ser conhecidas e entendidas pelos atores desse processo (...) Os APAs (Ambientes pessoais de aprendizagem) caracterizam-se por terem o aluno no controle da sua aprendizagem, decidindo o que aprender, quando, onde, porque e como. Outra característica é a diversidade dos

recursos digitais e o fato de servirem de apoio à aprendizagem ao longo da vida. Cada pessoa “elabora seu ambiente conforme suas escolhas, gosto e interesse, não existindo um caminho a ser seguido.”(SILVA, 2012, p. 3, apud BRITO; VALLS, 2014, p.86)

O segundo texto recuperado, refere-se ao artigo publicado por Silvana Vidotti, LucireneLanzi e Edberto Ferneda, vinculados a UEL, abaixo destacamos partes do artigo que correspondem ao objeto de nossa pesquisa:

O público frequentador de uma biblioteca escolar é essencialmente de “nativos digitais” e, para que eles tenham um maior interesse por este espaço, a biblioteca precisa ser ativa, dinâmica, moderna e atualizada. (...) O bibliotecário escolar precisa estar atento a essa nova forma de cognição para, de fato, haver uma aproximação concreta e criar um vínculo forte entre as partes (bibliotecário e usuário). Ele pode aliar o espaço físico aos ambientes digitais, estimulando desta forma aqueles que não frequentam a biblioteca por falta de tempo ou mesmo vontade, buscando-os por meio da redes sociais, como também aperfeiçoando o espaço físico e buscando novos recursos virtuais para um maior aditamento. (VIDOTTI; LANZI; FERNEDA, 2014, p. 127)

Por fim, o último texto recuperado neste termo bibliotecas escolares 2.0. trata do artigo publicado por Cassia Furtado,

Com a presença constante das tecnologias de informação nos mais variados ambientes, o homem passa a contar com uma diversidade de espaços educacionais e a educação passa a ter sua abordagem ampliada, ultrapassando os seus limites tradicionais, visando à formação integral do indivíduo. Ensinar não é mais transmitir conhecimentos. O professor perde o monopólio do saber, pois não detém mais todas as informações e o aluno deixa sua posição passiva de aprendiz (...) Assim, a biblioteca precisa encarar o desafio de abandonar o paradigma patrimonial e custodial, para se tornar numa rede multimídia de informação, Cabe à biblioteca escolar ser o portal de ligação da escola com o mundo permeado de tecnologia. (FURTADO, 2009, p. 137).

Essa leitura integral dos textos, é a etapa que Bardin (2011) chama de exploração do material. Podemos observar que ainda que não mencionem o modelo conceitual *Learning Commons*, os trabalhos abordam características em comum a noção, quando falam sobre ambientes colaborativos, letramento e mediação, espaços flexíveis e apontam para a necessidade da Biblioteca escolar e do bibliotecário incorporar a era tecnológica no cotidiano das bibliotecas.

5.2 Recuperação na base daLIBES

Na base da LIBES, foram utilizados os campos título e palavras-chave. Nenhum material foi recuperado, conforme quadro a seguir:

Quadro 6 - Recuperações na base LIBES

Termo de pesquisa	Campo de pesquisa	Qtde de recuperações	Recuperações relevantes
Ambientes de Aprendizado	título e palavra-chave	0	0
Ambientes de aprendizagem	Todos	0	0
Learning Commons	Todos	0	0
Biblioteca 2.0	Todos	0	0
Futuro das Bibliotecas Escolares	Todos	0	0

Fonte: a autora, 2018

5.3 Recuperação no Fórum de Biblioteconomia Escolar

A recuperação dos trabalhos apresentados no Fórum de Biblioteconomia Escolar apresentou alguns desafios, com apenas três edições até o momento, sendo 2013, 2015 e 2017, o Fórum não possui um repositório único, onde seja possível realizar a recuperação de todas as edições.

No portal da FEBAB, instituição que promove o CBBB, que realiza o Fórum como evento paralelo, é possível recuperar apenas 2013 e 2017. Os materiais referentes ao ano de 2015 encontram-se em um site que foi criado especificamente para o CBBB. Entramos em contato com a FEBAB que esclareceu que em breve pretendem lançar um repositório mais completo.

Por essa questão, a recuperação dos trabalhos deste ano, 2015 se realizou caso a caso, trabalho a trabalho. Foram observados então os títulos, buscando realização da pré-análise, os trabalhos que apresentavam alguma semelhança com as premissas já discutidas, foram lidos para que pudéssemos verificar se havia algum tipo de concomitância com o modelo conceitual *Learning Commons*, foram considerados tanto os trabalhos de comunicação científica como os relatos de experiência.

Não foi possível realizar a busca por palavras-chave, optamos então por utilizar dois critérios, a busca por palavra, recurso do navegador (Chrome ctrl + F) e também a exploração dos trabalhos que os títulos chamaram a atenção. O ano de 2015, no entanto, não apresentou nenhum resultado que se adeque no modelo conceitual de *learning commons*. No ano de 2015 o fórum aparece como Eixo VI: 2º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e prática.

Os anos de 2013 e 2017 estavam indexados na base do portal da FEBAB, de modo que foi possível realizar a busca utilizando pesquisa via palavra-chave, porém não é possível filtrar por evento especificamente. Uma vez que o Fórum, é um evento paralelo do CBBB, de modo que a recuperação leva em consideração todos os trabalhos de todos os eventos paralelos e do principal, também não é possível filtrar por ano, embora sejam apenas duas edições, a pesquisa se desenvolve na exploração. Diante do quadro apresentado, destaca-se a importância de melhorias no sistema de recuperação da informação dos artigos e comunicações apresentados durante o Fórum

No ano de 2013 o Fórum aparece como Eixo 2 - Fórum de Biblioteconomia Escolar - pesquisa e prática, e os resultados seguem na tabela abaixo:

Quadro 7 - Recuperação Fórum de Biblioteconomia Escolar 2013

Termo de pesquisa	Quantidade de recuperações	Recuperações relevantes
Ambiente(s) de Aprendizado em comum	1	1
Ambiente(s) de aprendizagem	5	0
Learning Commons	0	0
Biblioteca escolar 2.0	0	0
Futuro das Bibliotecas Escolares	0	0

Fonte: a autora, 2018

Como pode ser observado no quadro acima, a pesquisa no evento de 2013, retornou apenas um trabalho que se encaixou nos conceitos explorados

na evolução teórica deste trabalho, de modo que optamos por efetuar a análise do texto sem a necessidade de uma tabela, trata-se do artigo apresentado por Cassia Cordeiro, da UFMA, autora que já apareceu na recuperação da base da BRAPCI, com o termo biblioteca escolar 2.0, este texto parte das premissas da era tecnológica e como a biblioteca escolar pode e deve acompanhar esses avanços, aborda a questão dos nativos digitais e da troca de conhecimento com essa geração:

As crianças e jovens de hoje apresentam algumas particularidades que os distinguem das gerações anteriores, como por exemplo: o uso da tecnologia de informação e comunicação em tarefas rotineiras e habituais; conexão permanente com as mídias digitais; leitura nos monitores de maneira intensa; uso multifuncional dos recursos tecnológicos; polivalência na realização de tarefas em simultâneo; interações em rede; comunicação síncrona e aprendizagem experimental e lúdica, o que conjetura competência no emprego das ferramentas e serviços da web (...) A ponte entre o seu acervo e as bibliotecas digitais é uma estratégia original para dar vigor e visibilidade às bibliotecas escolares, a começar pela literatura (...) As bibliotecas escolares, apesar de “apresentarem relutância em assumir papéis não tradicionais” (CALIXTO; CARRÃO, 2012), devem desalojar se da zona de conforto no oferecimento de serviços já estabelecidos, geralmente estatísticos e enclausurados no seu espaço físico e institucional, pois assim, estarão mais próximas da cultura participativa de seus utilizadores. (CORDEIRO, 2013, p. 3)

No ano de 2017 o Fórum é relacionado como eixo 2 novamente, e também não existem resultados relevantes, conforme tabela abaixo:

Quadro 8 - Recuperação Fórum de Biblioteconomia escolar - 2017

Termo de pesquisa	Campo de pesquisa	Qtde de recuperações	Recuperações relevantes
Ambiente de Aprendizado	Todos	2	0
Ambientes de aprendizagem	Todos	9	0
Learning Commons	Todos	0	0
Biblioteca 2.0	Todos	0	0
Futuro das Bibliotecas Escolares	Todos	0	0

Fonte: a autora, 2018

Não houve nenhuma recuperação que tenha sido relevante ao objeto da pesquisa, dentro do universo da Biblioteconomia escolar. Observamos que os trabalhos de mediação de leitura ainda são os que aparecem na maioria dos casos.

A base da BRAPCI, portanto, dentre nosso corpus da pesquisa, se mostrou a mais completa, pela sua capacidade de abranger mais publicações. Os artigos em periódicos seguem sendo a grande parte das publicações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas escolares possuem uma importância na formação de indivíduos para que alcancem autonomia e pensamento crítico e nem sempre são valorizadas pelas instituições. É possível encontrar tanto no discurso acadêmico quanto no cotidiano das bibliotecas escolares a narrativa da incerteza do futuro das bibliotecas escolares - e até das bibliotecas de modo geral - em uma época em que cada estudante carrega no bolso um dispositivo capaz de levá-lo a explorar o ciberespaço pelo mundo todo.

O futuro das bibliotecas é colocado à prova quando entramos na pauta sobre a era tecnológica e como esta por sua vez alterou a forma de trabalharmos a informação e a educação dentro da escola.

Os nativos digitais trazem demandas diferentes, e exigem da biblioteca e do bibliotecário novas habilidades que possam suprir essas novas necessidades. E, dentre essas novas habilidades é possível mencionar a noção de *Learning Commons*, um conceito que redimensiona o espaço físico da biblioteca, deixando-o mais flexível e dinâmico, equipa a biblioteca para que ela possa alcançar novos espaços, possa se conectar com outras redes, ampliando o acesso do estudante a outras fontes de informação, para além daquelas que fazem parte do acervo.

O modelo conceitual *Learning Commons*, possibilita que a biblioteca seja o espaço central que una, dentro da escola, os professores, os alunos, bibliotecários e demais agentes envolvidos no processo educacional para que o conhecimento seja trocado entre todos, novos conhecimentos sejam gerados fazendo com que o ambiente da Biblioteca Escolar possa ser ressignificado dentro da Instituição.

Se existe uma Lei, a 12244/10 que pretende universalizar as bibliotecas escolares, pensar nesse novo espaço unindo o que de melhor a tecnologia possa oferecer, quando possível, e profissionais integrados é um caminho possível para que a Biblioteca Escolar possa se reinventar se modernizando. A partir do trabalho aqui realizado, foi possível identificar que o termo "*Learning Commons*" aparece pouco ou não aparece na literatura nacional do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. No entanto, constata-se que, mesmo que não haja utilização do termo, muitas das práticas relacionadas ao *Learning*

Commons se fazem presentes, tanto no discurso científico quanto no relato sobre as práticas de bibliotecas escolares no Brasil.

Foi possível observar que o campo de estudos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação ainda carece de estudos mais aprofundados no sentido de apontar novos caminhos para o ambiente da Biblioteca Escolar. Seja por desconhecimento dos profissionais que atuam junto à essas bibliotecas, seja pela conjuntura do país, em que não há valorização da Biblioteca Escolar. Embora existam Leis e parâmetros pautados pelas instituições internacionais prescrevendo procedimentos e padrões para as bibliotecas escolares, e da necessidade do constante diálogo com os currículos e práticas pedagógicas, ainda observamos muitas dificuldades para a manutenção ou mesmo para a existência das bibliotecas escolares.

O próprio modelo conceitual surgiu também como uma forma de aproveitamento do espaço da biblioteca escolar, quando em, 2008, Loertscher, Koechlin e Zwaansugerriam que o *Learning Commons* fosse a substituição para o laboratório de tecnologia educativa e a biblioteca escolar. (LOERTSCHER; KOEHLIN, 2012 apudGASQUE; CASARIN, 2015). De modo que pudemos perceber que a biblioteca escolar não perderá sua essência, pois seu caráter educativo se faz presente e necessário. Mas repensar a maneira como o estudante vem aprendendo, como a escola vem se adaptando a novas tecnologias, inclusive amparadas por empresas como a Microsoft e a Google, que possuem projetos voltados para espaços de aprendizagem em comum, faz com que a biblioteca mais uma vez, prove seu valor e sua capacidade de adaptação e mudanças.

A era tecnológica deve ser incorporada de vez e levada em consideração nos novos estudos sobre o tema da biblioteconomia escolar, se ainda quisermos fazer parte da educação desses nativos digitais, desses indivíduos cada vez mais inseridos nesse contexto tecnológico. A mudança, como sugere os resultados, pode não ser para os próximos anos, mas é um caminho inevitável, conforme sugerem os estudos teóricos apontados neste trabalho.

REFERÊNCIAS

I Fórum de Biblioteconomia Escolar. In: Congresso Brasileiro De Biblioteconomia e Documentação, 25, 2013, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis; CBBB, 2013. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/issue/view/4/showToc>> Acesso em: 15 abr. 2018

II Fórum de Biblioteconomia Escolar. In: Congresso Brasileiro De Biblioteconomia e Documentação, 26, 2015, São Paulo, **Anais...** São Paulo; CBBB, 2015. Disponível em <http://www.acquaviva.com.br/cbbd2015/2forumbrasileiro_CBBD.php> Acesso em: 30 maio 2018.

III Fórum de Biblioteconomia Escolar. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 27, 2017, Fortaleza, **Anais...** Fortaleza; CBBB, 2017. Disponível em <<https://www.cbbd2017.com/eventos>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225 p.

BEAGLE, D. **Conceptualizing an Information Commons**. The Journal of Academic Librarianship, v. 25, n.2, 1999, p. 82-96.

BRAPCI - **Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação**, 2018.

Disponível em:<<http://www.BRAPCI.inf.br/index.php/home>>. Acesso em: 25 abril 2018.

BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país**. Portal da Legislação da Presidência da República. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 maio 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm> Acesso em: 25 mar. 2018.

CAMPOS, A.C. **IBGE: celular se consolida como o principal meio de acesso à internet no Brasil**. Agência Brasil, 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-celular-se-consolida-como-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-brasil>> Acesso em: 05 maio 2018.

CASTRO, Jaqueline F.S. de. **Nativos Digitais na biblioteca escolar: programas de letramento informacional para o ensino médio**. 2014. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014

CORTE, A.R.; BANDEIRA, S.P., **Biblioteca Escolar**, Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2011.

DUDZIAK, E. A. InformationLiteracy:princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em:

<[http://revista .ibict .br/index.php/ciinf/article/view/123/104](http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/123/104)>. Acesso em: 02 abril 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 200 p.

HIMMELFARB, Gertrude. "Revolution in the library". The American Scholar Spring 1997, p. 197, Academic onefile. Disponível em <<http://go.galegroup.com/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE|A19506098&v=2.1&it=r&sid=AONE&asid=6a4fccb4>> Acessado em 7 maio 2018

HOLLAND, B. **21st-Century libraries: the learning commons**. 2015. Edutopia, online. Disponível em <<https://www.edutopia.org/blog/21st-century-libraries-learning-commons-beth-holland>> Acesso em: 02 abril 2018

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Tradução de Neusa Dias de Macedo. São Paulo: [s.n.], 2002. 26 p. Disponível em:<<https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 08 abr.2018.

KUHLTHAU, Carol Colier. **Information skills for an information society: a review of research**. Syracuse, NY: ERIC Clearinghouse on information resources, 1987. 35 p. Disponível em:<<http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED297740.pdf>>. Acesso em: 05 abril 2018.

LIBES - Literatura Brasileira em Biblioteca Escolar. Site. Disponível em: <<http://libes.eci.ufmg.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2018

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes. 1994. p. 9-29

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 732, 1999. Disponível em: <[file:///C:/Users/Mike/Downloads/RoqueMoraes_Analise%20de%20conteudo-1999%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Mike/Downloads/RoqueMoraes_Analise%20de%20conteudo-1999%20(1).pdf)>. Acesso em: 08 abril 2018

OLIVEIRA, E. de; ENS, R. T.; ANDRADE, D. B. S.; MUSSIS, C. R de. Análise de Conteúdo e pesquisa na área de educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.9, p.11-27, maio/ago. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103862005000200006&script=sci_abstract&tIng=pt> Acesso em: 15 jun.2018.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011, 352 p.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. **Onthehorizon**, MCB University Press, v. 9, n. 5, p.1-6, 2001, Disponível em:

<<http://www.twitchspeed.com/site/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.htm>> Acesso em: 15 abr. 2018.

ROWLANDS, I. et al. The Google generation: the information behaviour of the researcher of the future. **AslibProceedings: New Information Perspectives**, v. 60, n.4, p.290-310, 2008 Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/Insight/viewPDF.jsp?contentType=Article&FileName=html/Output/Published/EmeraldFullTextArticle/Pdf/2760600401.pdf>> Acesso em: 06 abr 2018.

SANTANA FILHO, S.F. de. **O papel da biblioteca escolar na formação do leitor**. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anais15/sem02/severinofarias.htm>> Acesso em 05. jun. 2018.

TAPSCOTT, Don. Educating the Net Generation. **Educational Leadership**, v. 56, n.5, p. 6-11, Feb. 1999. Disponível em: <<http://www.ascd.org/readingroom/edlead/abstracts/feb99.html>> Acesso em: 25 abr. 2018

VALENTIM, M. L. P. et al., Pesquisa em inteligência competitiva organizacional: utilizando a análise de conteúdo para a coleta e análise de dados - Parte I. **Transinformação** [online]. 2005, v.17, n.2, p.181-198.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo zappiens: growing up in a digital age**. London: Network Continuum Education, 2006. 160 p.